

# La colonia portuguesa em Brasil y la Guerra Civil española

Heloisa Paulo

Universidade de Coimbra

## 1. A colónia portuguesa do Brasil e o salazarismo: as instituições e as suas vinculações ao regime.

“Rogo a V. Exa se digne ser intérprete junto das beneméritas associações portuguesas e dos nossos compatriotas de quanto foi grata a sua Exc. O Senhor Presidente da República, a mim pessoalmente e a todo o governo, a expressão dos sentimentos manifestos na reunião do concelho de sua Federação e de quanto apreciei o apoio que nesta reunião lhe é firmado pelos nossos irmãos de além-mar, prova eloquente entre tantas outras por eles dadas de que tudo quanto respeita aos destinos e a dignidade da Pátria encontra eco nos seus corações Portugueses. A todos eles envio a minha saudação calorosa. António Oliveira Salazar. Presidente do Conselho”<sup>1</sup>

Na década de trinta, as novas formas de Estados intervencionistas, buscam ampliar o seu raio de ação para além dos limites geográficos, buscando nas suas colónias dispersas pelo estrangeiro um apoio para a continuidade das suas políticas internas e defesa para os seus posicionamentos internacionais. Na Itália, a preocupação do governo fascista com o contingente de italianos no exterior manifesta-se, já no final dos anos 20, com a criação, em 18 de Janeiro de 1923, de um Comissariado Geral da Emigração. Em 1924, realiza-se uma conferência internacional sobre a emigração, aberta pelo próprio Mussolini<sup>2</sup> e são enviados "comissários de emigração" para os Estados Unidos e para a Austrália, com o objetivo de estabelecer um contacto permanente com os emigrantes. Cada italiano, onde quer que se encontre, é um cidadão ao serviço da Nação Italiana, na compreensão fascista do termo "nação"<sup>3</sup>. A propaganda então elaborada apela para os valores tradicionais do mundo rural italiano, sendo de tal forma "emotiva" que leva Massimo Salvadori, um antifascista radicado

---

<sup>1</sup> Nota de Agradecimento de Salazar ao apoio da FAPB pelo alinhamento do regime ao lado de Franco na Guerra Civil espanhola. *Voz de Portugal*, 18 de Novembro de 1936, p.1.

<sup>2</sup> Sobre o tema ver CRESCIANI, Gianfranco. *Fascismo, antifascismo e gli italiani in Australia. 1922-1945*. Roma, Bonacci, 1979 e DIGGINS, J. *L'America, Mussolini e il fascismo*. Roma-Bari, Laterza, 1982.

<sup>3</sup> Em 1927, uma reorganização do Comissariado Geral da Emigração coloca todo o emigrante sob jurisdição consular, ou seja, toda a sua acção pode ser regulada e encontra-se subordinada a autoridade do cônsul. Ver DIGGINS, J. . *L'America, Mussolini e il fascismo*. Roma-Bari, Laterza, 1982.

nos Estados Unidos nos anos trinta, a admitir a impossibilidade de atuar contra esta espécie de mensagem que, apesar de seu posicionamento e visão crítica, o comovia: "*perciò ogni attacco lanciato contro Mussolini e il suo governo veniva sentito come un insulto diretto contra la stessa Italia*"<sup>4</sup>.

Em Portugal, o Estado Novo, mesmo que não desenvolva a sofisticação das instituições fascistas italianas, cultiva, através do ideário salazarista e da sua propaganda oficial ou oficiosa, este "olhar" em direção às comunidades emigradas. Esta preocupação, já evidenciada na legislação posta em vigor pelo Estado a partir de 1926, é assumida, de forma mais contundente, no próprio discurso de Salazar, endereçado, diretamente ou não, aos emigrantes. A ideia central é definir Portugal como um "país de paz à beira mar plantado", fazendo com que o emigrante encontre no salazarismo as mensagens que deseja ouvir sobre a sua "pátria" distante.

O salazarismo vai, desta forma, ampliar a recuperação, já desenvolvida pelos republicanos, de um dos traços mais familiares ao emigrante, ou seja, o dos valores da chamada "cultura popular"<sup>5</sup>. A elaboração de um ideal de portuguesismo a partir de uma leitura determinada do universo rural muito contribui para a aceitação, por parte das comunidades emigradas, dos novos valores impostos pelo regime. O facto da ideologia salazarista cuidar da recuperação de valores do imaginário popular português, mormente aqueles vinculados ao universo da chamada "cultura popular", criando um ideal de "portuguesismo", que conjuga os dados desta "cultura popular" e a proposta de cidadania do regime, contribui, em muito, para a sua aceitação quase unânime por parte da colónia. Ao trabalhar com dados que fazem parte da memória sensorial do emigrante, ou seja, com os dados armazenados da sua própria experiência pessoal<sup>6</sup>, a propaganda oficial ou oficiosa do regime, fornece ao emigrante uma imagem da aldeia que busca responder à ansiedade que ele tem de visualizar a sua terra natal, cuja imagem é composta, por vezes, das lembranças das festas locais ou das aventuras de menino<sup>7</sup>.

---

<sup>4</sup> DIGGINS, L'America, *Mussolini e il fascismo*. Roma-Bari, Laterza, 1982, p. 98.

<sup>5</sup> Sobre o tema, ver, entre outros, RAMOS, Rui. "A invenção de Portugal", in : *História de Portugal. Sexto Volume*. Lisboa, Editorial Estampa, 1994, p. 565 a 595.

<sup>6</sup> Sobre o tema ver : FENTRESS, James e WICKHAM, Chris. *Memória Social*. Lisboa, Teorema, 1994, p.46 e seguintes.

<sup>7</sup> Sobre o tema ver PAULO, Heloisa. *Aqui também é Portugal. A colónia portuguesa do Brasil e o salazarismo*. Coimbra: Quarteto, 2000.

Por outro lado, assim como a propaganda pode fabricar a imagem de um político, e o faz com relação a Salazar, ela "molda" a imagem do emigrante, segundo os critérios mais úteis à sua mensagem<sup>8</sup>. Neste contexto, a visão da emigração ganha um conteúdo heroico, revivendo as epopeias passadas da história nacional. O português, neste quadro, não é apenas o "portuga", o "Manel" ou o "Joaquim" mas, um "novo herói", que trabalha e "vence" em terras alheias, num lugar estranho e em condições adversas, apesar da "prosperidade" do seu próprio país. Um cidadão fiel ao Portugal que "reconheceu" a sua dignidade de "emigrante".

Ao criar uma imagem positiva do emigrante, "anulando", pelo menos em termos da ideologia formal do regime, o estigma com o qual é marcado, o discurso salazarista, consegue fazer-se ouvir e encontrar simpatias nas comunidades portuguesas no estrangeiro. Com isto, a propaganda em prol do regime encontra novos aliados, crescendo, em parte graças à própria colónia, ou pelo menos a uma parte dela, que orienta a sua ação no sentido de demonstrar apoio ao novo regime. É esse dinamismo interno, inerente ao próprio quadro da comunidade emigrante, que fornece à ideologia do Estado Novo e ao salazarismo uma leitura específica, adaptada aos contornos de uma vida portuguesa em terras brasileiras. É necessário ter em conta, porém, as limitações impostas pela própria realidade brasileira no sentido de coibir ou apoiar a existência de um "pequeno Portugal" no Brasil, o que limita o campo de ação dos emigrantes, quer sejam eles "salazaristas" ou opositores ao regime.

Esta adesão, contudo, revela uma duração inesperada. A exemplo dos fascistas que, mesmo retidos nos campos de concentração australianos e tendo consciência da derrota da Itália na guerra, não negam a sua fidelidade à memória de Mussolini e ao fascismo<sup>9</sup>, uma grande parcela da colónia continua a venerar a figura de Salazar e a ressaltar as obras do regime vinte anos após a sua derrocada em Portugal<sup>10</sup>. A imagem criada em torno do Estado Salazarista e de Oliveira Salazar consegue ultrapassar as fronteiras impostas pela atual realidade portuguesa, que continua, na maioria das vezes, distante para o emigrante.

Entre as associações que mais espelharam esta adesão ao salazarismo está a Federação das Associações Portuguesas do Brasil. Desde a sua criação, em 14 de Agosto de

---

<sup>8</sup> No que toca ao conceito de "fabricação de imagens" procuramos, de forma simplificada, seguir a análise proposta por BURKE, Peter em *A fabricação do Rei. A construção da imagem pública de Luís XIV*. Rio de Janeiro, Zahar editor, 1994., sem contudo, deixarmos de lado o modelo que serviu de orientação para o desenvolvimento daquele trabalho, ou seja, as propostas de Goffman, em especial, GOFFMAN, E. *A apresentação do eu na vida de todos os dias*, Lisboa, Relógio d'Água, 1993, e as próprias necessidades impostas pelo nosso trabalho e objecto de estudo.

<sup>9</sup> Ver : CRESCIANI, Gianfranco. *Fascismo, antifascismo e gli italiani in Australia. 1922-1945*. Roma, Bonacci, 1979.

<sup>10</sup> Ver PAULO, H. *Op. Cit.*

1931, a vinculação da Federação às autoridades portuguesas instituídas torna-se clara ante a posição reservada aos representantes consulares no interior do seu quadro administrativo. Possuidor de funções honoríficas, ao embaixador cabe a Presidência e ao cônsul geral a Vice-Presidência. Para além disto, a definição dos seus estatutos parece alinhar com a perspectiva política do regime de Lisboa. No parágrafo 1.º do Artigo 2.º dos seus Estatutos, aprovados em 5 de Abril de 1932, é definido um sentido "apartidário" para a Federação, que exclui dos seus quadros as associações com fins políticos, só podendo participar aquelas que obtivessem pareceres favoráveis do Diretório. Este, porém, alertaria para a necessidade de "transformarem-se em organismos culturais, recreativos ou beneficentes, a fim de evitarem dissídios entre os portugueses no Brasil"<sup>11</sup>. A intenção é criar uma "entidade representativa da colónia" que, dando corpo à ideia de uma colónia unida, se transformasse no porta-voz dos portugueses, tanto frente ao governo brasileiro, como perante as autoridades portuguesas. No entanto, assumindo um carácter apolítico que, na prática, não cumpre no decorrer das duas décadas seguintes, a sua proximidade com o regime de Salazar tende a acentuar-se com a consolidação do regime em Portugal. Esta instituição que passa a falar em nome da colónia, sem que sejam ouvidas as vozes da oposição, exhibe na sua simbologia um feixe de varas, o ideal de "unicidade" que busca transmitir, semelhante ao *littorio* fascista. No momento da sua criação tal sentido de consenso não é regra, nem mesmo no interior dos seus quadros. Elementos ligados à oposição ao regime do 28 de Maio e a Salazar, como o caso citado de Ilídio Nunes, sofrem um processo de afastamento, com base na sua própria postura crítica, como cidadãos e não como membros da Federação, frente ao governo de Lisboa.

No decorrer da década de trinta, a Federação das Associações Portuguesas assume um papel de relevo na divulgação do ideário salazarista no Brasil. Organiza manifestações favoráveis ao regime e apresenta-se como representante oficial da colónia portuguesa nos grandes eventos patrocinados pelo Estado Novo em Portugal. A Federação é responsável, ainda, por um tipo de propaganda bem peculiar do regime de Salazar. Ela edita, por sua própria conta, as palestras pronunciadas nas cerimónias oficiais e algumas publicações de nomes vinculados ao regime. Como aliados, conta ainda com dois jornais, *Pátria Portuguesa* e *Voz de Portugal*, ambos propriedade de Crisóstomo Cruz, um emigrante transmontano que se torna fervoroso adepto do salazarismo.

---

<sup>11</sup> FEDERAÇÃO DAS ASSOCIAÇÕES PORTUGUESAS DO BRASIL. *Boletim da Federação das Associações Portuguesas do Brasil*, n.º 6, Rio de Janeiro, Federação das Associações Portuguesas do Brasil, 1934, p. 25.

Deste modo, a colónia salazarista atua como “verdadeira” representante do regime de Lisboa no Brasil e responde aos “apelos” da propaganda oficial em nome de todo um conjunto heterogéneo de emigrantes, muitos deles politicamente bem distantes do Presidente do Conselho.

## **2. 1936: a Guerra Civil e o “perigo comunista” na visão da colónia.**

“Ante as dificuldades que está oferecendo a tomada de Madrid, ante a audácia da colaboração russa, qual será o caminho a tomar, de uma hora para outra, pelos países europeus que se constituíram em sentinelas da civilização? Esta pergunta preocupa todos os portugueses. Não é impossível que Portugal se veja forçado, de repente, a tomar uma atitude. A guerra? Ninguém o sabe. A defesa de Portugal será feita mediante as exigências das circunstâncias. Pode, pois, ser necessária a guerra.

Por isso entendemos que esta comunhão espiritual dos portugueses do Brasil com os portugueses de Portugal tem, neste momento, um significado santo. Parece-nos que ajoelhamos aos pés de um grande altar e que, reverentes e confiantes, tomamos a Hóstia onde está consagrada a Pátria”<sup>12</sup>

Na Península Ibérica, 1936 é um ano conturbado, com a movimentação política em Espanha e com o estado de alerta do regime português face aos perigos da ascensão de um governo de esquerda no país vizinho. O clima gerado e fomentado pelo Estado de Salazar é de insegurança perante a ameaça do "perigo vermelho" vindo de terras espanholas.

No Brasil, de igual forma, as autoridades propiciam o combate ao chamado "perigo comunista", figurado, internamente, pela Intentona Comunista, levada a cabo em Novembro do ano anterior, cujos líderes, entre eles Luís Carlos Prestes, são presos no curto espaço entre Janeiro e Março de 1936. Segue-se, de imediato, uma campanha anticomunista nos periódicos, mormente no jornal *O Globo*, simpático às posições salazaristas adotadas pela colónia, que prossegue durante todo o período seguinte, noticiando com alarde o temor em torno da Guerra Civil<sup>13</sup>.

---

<sup>12</sup> “No Altar da Pátria (editorial)” in : *Voz de Portugal*, Rio de Janeiro, 18 de Novembro de 1936, p. 2.

<sup>13</sup> Sobre o tema, ver, entre outros, BAUSBAUM, Leôncio. *História Sincera da República (1930/1960)*, São Paulo, Ed. Alfa-Omega, 1975; BAUSBAUM, Leôncio. *Uma vida em seis tempos. Memórias*, São Paulo, Alfa-Omega, 1976; CARONE, Edgar. *O Estado Novo (1937/1945)*, São Paulo, Difel, 1976, e RODRIGUES, Leôncio Martins. "O PCB: os dirigentes e a organização", in : FAUSTO, Bóris (org.). *História geral da Civilização Brasileira*. Tomo III, São Paulo, Difel, 1984, v. 3 ; LEVINE, R. *O regime de Vargas. (os anos críticos 1934/1938)*, Rio de Janeiro, Ed. Nova Fronteira, 1980.

Na colónia portuguesa, os emigrantes salazaristas tratam de declarar a sua solidariedade ao governo de Lisboa e a sua postura de combate diante do “avanço comunista”. A *Voz de Portugal*, do dia 2 de Junho de 1936, realça o sentido “patriótico” e “nacionalista” das comemorações da “Revolução de Maio” realizadas pela colónia nos jardins da Embaixada. O compromisso com o regime é reafirmado por Armando de Andrade, um dos organizadores do evento, dirigindo-se ao Embaixador: "Mande dizer ao nosso Governo que todos os portugueses do Brasil, à hora, estão prontos para mostrarem, em todas as circunstâncias, que sabem honrar o nome de Portugal!"<sup>14</sup>.

Neste clima, quando as notícias sobre a Guerra Civil em Espanha chegam ao Rio de Janeiro, a mobilização de diversos grupos da colónia, solidários com o Estado português e o seu repúdio do governo legítimo de Espanha, não se fazem esperar<sup>15</sup>. Em 1 de Agosto de 1937, a *Voz de Portugal* apresenta na sua primeira página uma reportagem sensacionalista, afirmando que "a imprensa francesa encontrou na guerra civil espanhola a origem do atentado contra Salazar"<sup>16</sup>, referindo-se ao atentado de Julho. A ideia de uma grande conspiração comunista iniciada na Espanha republicana começa a ganhar forma na colónia salazarista.

Após a resolução do regime de aderir ao Pacto de Não-Intervenção, em 23 de Outubro do mesmo ano, os ânimos não parecem arrefecer e, no período da chamada política do "compasso de espera", entre o corte das relações diplomáticas com o governo republicano e o fim da guerra civil, alguns segmentos mais radicais da colónia continuam o trabalho de propaganda em prol do rompimento das relações de Portugal com a Espanha. A *Voz de Portugal*, em Novembro de 1936, inicia uma campanha de mobilização para um apoio formal à política externa do regime, afirmando a necessidade de uma realização de maior

---

<sup>14</sup> *Voz de Portugal*, 2 de Junho de 1936, p. 1.

<sup>15</sup> Sobre as relações luso-espanholas neste período ver, entre outros, OLIVEIRA, César. *Salazar e a Guerra Civil de Espanha*, Lisboa, O Jornal, 1987; OLIVEIRA, César. *Cem Anos nas Relações Luso-Espanholas. Política e Economia*, Lisboa, Cosmos, 1995; ou, REDONDO, Juan Carlos Jiménez. *Franco e Salazar. As relações Luso-Espanholas durante a Guerra Fria*. Lisboa, Assírio & Alvim, 1996.

<sup>16</sup> *Voz de Portugal*, 1 de Agosto de 1937, p. 1 e 3.

vulto, além da mera formalização de uma mensagem de apoio<sup>17</sup>, enquanto noticia execuções sumárias realizadas pelos Tribunais Populares republicanos em Espanha<sup>18</sup>.

No dia 12 de Novembro de 1936, uma semana após as manifestações nacionalistas realizadas, entre outros locais, no Porto, Coimbra, Braga, a Federação das Associações Portuguesas do Brasil, formalizando o posicionamento conservador da colónia, reúne o seu Directório nas dependências do Real Gabinete Português de Leitura. É decidido o envio de uma Mensagem a Salazar no sentido de apoiar o seu governo e o seu posicionamento na Guerra Civil espanhola. É pedido ao Embaixador Martinho Nobre de Mello que encaminhe para as autoridades portuguesas o aplauso da colónia à decisão "digna e altiva" do governo de Salazar<sup>19</sup>. Na mensagem, a Federação reafirma o carácter salazarista que vem assumindo desde a sua criação:

“Os Conselhos da Federação das Associações Portuguesas do Brasil, constituídos pelos representantes de 86 associações federadas [...] deliberaram aplaudir, com entusiasmo, a brilhante ação do Governo Português em defesa da honra e dignidade da Nação.”<sup>20</sup>

Após a entrega da mensagem ao Embaixador, prosseguem as ações de propaganda em prol do salazarismo e do seu “combate anticomunista” em solo espanhol. Convoca-se uma manifestação popular da colónia, a ser realizada com o apoio de Martinho Nobre de Mello nos jardins da Embaixada, no dia 29 do mesmo mês. A *Voz de Portugal*, num editorial intitulado "Mensagem de solidariedade ao governo português" incita os seus leitores a fazerem "alguma coisa aqui e para aqui", defendendo a ideia de "uma grande manifestação popular que vá até à Embaixada dizer todo o nosso entusiasmo e nossa fé"<sup>21</sup>. A publicação do telegrama de Salazar, agradecendo à colónia o apoio e enviando-lhe a sua

---

<sup>17</sup> Ver os números da *Voz de Portugal* dos dias 12, 14, 17 e 18 de Novembro de 1936.

<sup>18</sup> Ver a reportagem intitulada "Navio Trágico", sobre o depoimento de dois jornalistas franceses acerca dos julgamentos sumários e execuções num navio fundeado no porto de Barcelona, publicada pela *Voz de Portugal*, 12 de Novembro de 1936, p. 1.

<sup>19</sup> Ofício da Federação das Associações Portuguesas do Brasil, datado do Rio de Janeiro, 3 de Setembro de 1936. Arquivo da Federação das Associações Portuguesas do Brasil.

<sup>20</sup> *Mensagem ao Governo de Portugal da Federação das Associações portuguesas do Brasil*. Rio de Janeiro : Tip. Mercantil. 1938, p. 4

<sup>21</sup> *Voz de Portugal*, 12 de Novembro de 1936, p. 1.

"saudação calorosa"<sup>22</sup>, dá um novo alento. Um editorial do mesmo periódico exorta todos os portugueses para se "ajoelharem" aos pés do "Altar da Pátria", dando completo apoio ao governo de Lisboa<sup>23</sup>. No *Jornal do Brasil*, o gesto aparece descrito como "o aplauso e a solidariedade dos portugueses do Brasil à corajosa e nobre atitude de Portugal em relação à guerra civil na Espanha e ao atual momento internacional"<sup>24</sup>. A localização da nota, ao lado do noticiário acerca da "Revolução em Espanha", como as demais notícias acerca de Portugal e da Colônia, denota a tendência do jornal e a possibilidade de ter sido uma encomenda paga pela Federação.

No dia marcado, segundo as descrições dos jornais da cidade do Rio de Janeiro, uma multidão de portugueses, reunidos na Praia de Botafogo, a pouca distância da Embaixada, dirige-se em cortejo até às portas da representação diplomática portuguesa, animados por duas bandas de música, a Banda Portugal e Lusitânia e os Orfeões Português e Portugal. No *Jornal do Brasil*, o evento é descrito mais uma vez como a tradução do "aplauso e solidariedade dos portugueses do Brasil ao seu governo pela nobre e corajosa atitude assumida pelo (governo português) em relação à guerra Civil de Espanha"<sup>25</sup>. O Embaixador afirma que "se por uma dessas fatalidades tremendas, a nobre nação portuguesa se visse obrigada a lutar contra os comunistas, e se visse na iminência de ser esmagada por uma descomunal desproporção de forças, jamais o seu povo se renderia aos bárbaros e estava certo de que Portugal adotaria a celebre legenda do Tercio: Viva a Morte!"<sup>26</sup>

Em resposta à solidariedade demonstrada, Salazar envia ao Embaixador Martinho Nobre de Melo, um telegrama de agradecimentos, que é publicado em diversos jornais da colônia.

Rogo a V. Ex. se digne ser intérprete junto das beneméritas associações portuguesas e dos nossos compatriotas de quanto foi grata a Sua Exc. o Senhor Presidente da República, a mim pessoalmente e a todo o governo, a expressão dos sentimentos manifestados na reunião dos conselhos de sua Federação e de quanto o governo aprecia o apoio que nesta ocasião lhe é afirmado pelos nossos irmãos de além-mar, prova eloquente entre tantas outras por eles dadas de que tudo quanto respeita aos destinos e à dignidade

---

<sup>22</sup> *Voz de Portugal*, 18 de Novembro de 1936, p. 1.

<sup>23</sup> *Voz de Portugal*, 18 de Novembro de 1936, p. 2.

<sup>24</sup> "Manifestação ao governo português", in: *Jornal do Brasil*, 18 de Novembro de 1937, p. 10.

<sup>25</sup> "Imponentes homenagens ao governo português", in: *Jornal do Brasil*, 1 de Dezembro de 1937, p. 13.

<sup>26</sup> "Imponentes homenagens ao governo português", in: *Jornal do Brasil*, 1 de Dezembro de 1937, p. 13



da Pátria encontra eco nos seus corações portugueses. A todos eles envio a minha saudação calorosa. António de Oliveira Salazar. Presidente do Conselho.<sup>27</sup>

Impulsionados pela propaganda portuguesa e brasileira, membros da colónia, liderados pelo Professor Vitorino Moreira<sup>28</sup>, diretor da Câmara Portuguesa do Comércio do Rio de Janeiro, resolvem organizar uma Embaixada Especial de apoio ao posicionamento português de combate aos republicanos de Espanha. A "Embaixada" visita Portugal, entre 8 e 22 de Abril de 1937, avistando-se com Carmona e com Salazar, a quem entrega mensagens enviadas pela Federação das Associações Portuguesas do Brasil em nome da colónia<sup>29</sup>. Deste *comité* fazem parte nomes das colónias dos estados de São Paulo, Rio Grande do Sul, Bahia e Pará, com personagens, por vezes, contraditórias, como Augusto de Castro Lopes Brandão, um antigo republicano, convertido ao Estado Novo de Salazar.

Os jornais brasileiros, para além da *Voz de Portugal*<sup>30</sup>, dão conta da ida dos representantes da colónia a Portugal, enfatizando a ideia da oposição generalizada aos republicanos espanhóis<sup>31</sup>. O consenso na colónia quanto à Embaixada é somente quebrado pelo *Diário Português* que publica um editorial denominado "Embaixada sem objetivo", no qual é assinalada a "inutilidade" da missão encabeçada pela Federação. Mais do que uma crítica ao posicionamento de fidelidade da colónia ao regime, o jornal expressa o desgosto do próprio Embaixador, um dos responsáveis pela publicação. Manifestando o sentimento de Martinho Nobre de Melo, "desautorizado" no seu papel de representante do regime, o jornal afirma:

---

<sup>27</sup> *Voz de Portugal*, 18 de Novembro de 1936, p. 1.

<sup>28</sup> Vitorino Moreira. Natural de Oliveira de Azeméis, José Vitorino Moreira, vai para o Brasil com treze anos em 1884, tornando-se empregado numa retorsaria. Mais tarde, dedica-se ao grande comércio atacadista e acaba por exercer a função de professor de economia política no Liceu Literário Português. Torna-se figura de prestígio na colónia, apesar das acusações da oposição dele se ter naturalizado para obter vantagens comerciais no Brasil. Professor, é diretor da Associação Comercial do Rio de Janeiro e Presidente da Federação das Câmaras de Comércio Estrangeiras. Chefia a Missão da Federação das Associações Portuguesas do Brasil, em 1937, quando da entrega da mensagem desta a Carmona e a Salazar. Morre no Rio de Janeiro, em 1946. (PAULO, Heloisa. *Aqui também é Portugal*, Op. Cit.)

<sup>29</sup> MOREIRA, Vitorino. *Relatório da Embaixada da Colónia Portuguesa*. R. J., Federação das Associações Portuguesas, Dezembro de 1937.

<sup>30</sup> Ver, entre outros, "Em Nome dos Portugueses do Brasil", in : *Voz de Portugal*, 19 de Abril de 1937, p. 1.

<sup>31</sup> *O Globo* realiza uma sondagem sobre a ida a Portugal da Missão da colónia favorável à posição de apoio aos nacionalistas espanhóis. Ver: *O Globo*, Rio de Janeiro, de 14 a 15 de Março de 1937.

[...] várias vezes, em edições deste jornal, adiantamos que seria utilíssimo aproveitar a oportunidade da viagem dessa embaixada ou comissão, para se tratarem assuntos de ordem económica nas relações comerciais entre Portugal e o Brasil, para se remediar, com um estudo cuidadoso e "sur place", os males que vêm ferindo os interesses portugueses no Brasil. [...] O que sair desse campo é mera pieguice, é futilidade irritante, é uma banalidade que nos deixará mal vistos aos olhos práticos dos homens que governam Portugal. Saudar a sua obra na política internacional, em nome dos portugueses do Brasil, coisa é que não nos parece precisa, a não ser que se pretenda conseguir mais uns crachás para quem lá for ser o intérprete dum sentimento que já foi interpretado exuberantemente<sup>32</sup>.

Apesar do protesto, os enviados da Federação seguem para Lisboa. Em Portugal, recebidos pelo Marechal Carmona, entregam uma mensagem ao Chefe de Estado, na qual reafirmam a sua adesão ao regime e predisposição de combate a favor das suas propostas:

E aos entrechoques das atitudes mais confusas com que a Europa se pronuncia sobre a invasão moscovita em terras de Espanha, o Governo de Portugal responde com firmeza e dignidade que desnorteiam os interesses desses e a paixão obstinada de outros.

Por isso, os portugueses estão com o seu Governo, fortes e unidos, aclamando e louvando a alta posição a que foi elevada a Pátria no concerto das nações.

É que existe uma nova consciência nacional que despertou por obra e graça do sadio patriotismo de seus dirigentes.

E dessa consciência nacional nasceu, como em tempos idos, a melhor aliança dos portugueses com o seu Governo, num só bloco e numa só fé.

Contai-nos nessa aliança, por que nós, os portugueses do Brasil, também, saberemos formar, se for preciso, na "LEGIÃO PORTUGUESA" e marchar na conquista dos séculos em que Portugal há-de viver, íntegro, eterno e glorioso.

Esta é a voz dos portugueses do Brasil.<sup>33</sup>

A "Embaixada" não se limita aos contactos com Salazar e Carmona, sendo recebida a 16 de Abril na Assembleia Nacional, saudada pelo deputado Vasco Borges como um exemplo para os compatriotas residentes em Portugal, devido ao seu "patriotismo" desinteressado:

---

<sup>32</sup> "Embaixada sem objetivo", in : *Diário Português*, de 10 de Março de 1937, p. 2.

<sup>33</sup> Citado nos *Anais da Revolução Nacional, (1936-1939)*, vol. IV. Barcelos, Companhia Editora do Minho, 1956, p. 131 e seguintes.

“E já agora hei-de também acentuar que os portugueses do Brasil são homens todos independentes, que não precisam dos Governos de Portugal, aliás frequentemente esquecidos daquela nossa colónia, e que não lhes pedem nada além do engrandecimento da Pátria comum. Pois são esses mesmos portugueses, que não pretendem empregos, nem benesses, nem dádivas de qualquer espécie, que, alheios a sacrifícios e incómodos, vêm trazer de tão longe ao regime de ordem e progresso material que nos governa o seu aplauso, o seu apoio e a contribuição do seu esforço para a unidade nacional tão necessária nesta hora grave. Que formidável exemplo para os portugueses negativistas e facciosos! Que soberba lição para portugueses egoístas e corruptos!”<sup>34</sup>.

Em Portugal, o gesto é propagandeado, afirmando-se uma fidelidade ao regime que ultrapassa as fronteiras. O desembarque da Embaixada em Lisboa é acompanhado pela Emissora Nacional, que toma os depoimentos dos viajantes para a sua transmissão no noticiário noturno<sup>35</sup>. Nos cinemas, em Setembro do mesmo ano, estreia um documentário intitulado *Embaixada dos Portugueses do Brasil*, dirigido por Lutero Aço e considerado pelo *Cinéfilo* um exemplo do seu género em Portugal. O seu objetivo é divulgar a visita dos "brasileiros", a sua solidariedade e os seus contactos com a realidade portuguesa que lhes é mostrada:

[...] esse documentário foca diversas visitas, passeios e outras cerimónias em que tomaram parte os representantes da nossa colónia do Brasil. Todo o filme está construído com sentido cinematográfico e mostra-nos lindos trechos de Sintra, Almoçageme, Peninha, Colares, a par de belas imagens do embarque de mercadorias que se destinam ao Brasil<sup>36</sup>

Paga pela Federação, a propaganda da viagem e da Missão da colónia em Portugal circula em diversos jornais de Portugal, como *O Século*, *Voz*, *Novidades* e *Correio do Porto*<sup>37</sup>. As notícias da chegada dos "Portugueses do Brasil em Romagem à Pátria" ocupam

---

<sup>34</sup> ASSEMBLEIA NACIONAL. *Diário das Sessões*, n.º 127, 16 de Abril de 1937, p. 629.

<sup>35</sup> Ver, *Diário de Notícias*, Lisboa, 9 de Abril de 1937, p. 2. E o depoimento de Vitorino Moreira : "Ao pisarmos o cais, pediu-me a Emissora Nacional, que proferisse ao seu microfone, ali instalado especialmente, algumas palavras para os compatriotas do Continente e das Colónias. Aproveitei o ensejo que se me oferecia para saudar também aqueles que viviam no Brasil e que naquele momento a Embaixada representava". MOREIRA, Vitorino. *op. cit.*, s.p.

<sup>36</sup> "Um Notável documentário português", in : *Cinéfilo*, n.º 473, de 11 de Setembro de 1937, p. 24.

<sup>37</sup> Na Federação das Associações Portuguesas encontramos uma listagem das despesas efetuadas com a Comissão ao Governo Português em 1937, na qual estão mencionados os jornais citados. Arquivo da Federação das Associações Portuguesas. Rio de Janeiro.

diversas edições, que abarcam desde os preparativos da partida do Rio de Janeiro até ao "Momento Histórico" da aportagem do navio *Cap Nort*, onde viajou a comissão<sup>38</sup>. A receção no porto de Lisboa é feita com a presença de membros da União Nacional, convocados antecipadamente, dos Sindicatos Nacionais e da Legião Portuguesa<sup>39</sup>. O destaque dado para à deslocação dos membros da colónia para apresentarem a sua solidariedade ao Estado Novo fornece ao discurso jornalístico um forte conteúdo propagandístico, no qual expressões menos empregues em Portugal, como é o caso da designação "saudação fascista", aparecem com naturalidade:

“Já perto, o navio quase a atracar, os estudantes cantam a "Portuguesa". Todos fazem a saudação fascista e, os de bordo, passageiros e pessoal, ao reconhecer o hino nacional português, estendem também o braço e assim se mantêm até o final”<sup>40</sup>.

No Brasil, a campanha contra a República espanhola prossegue através de especulações e propaganda paga em jornais. A imagem central é a do conluio comunista internacional levado a cabo em Espanha. No *Jornal do Brasil*, de 24 de Março do mesmo ano, é mandado publicar o discurso de Presidente do Conselho proferido em 22 de Março, na abertura das sessões da União Nacional. Na diagramação do periódico, o lugar escolhido é ímpar, ou seja, bem ao lado de um noticiário sobre a Guerra Civil, francamente favorável ao avanço das tropas franquistas em território espanhol<sup>41</sup>. Sempre por conta da Federação, são veiculados artigos em diversos jornais da capital, sempre abordando os discursos de Salazar e o posicionamento de Portugal ao lado de Franco. No total, são gastos 53.199\$000 réis<sup>42</sup>, uma quantia de vulto se considerarmos que o salário pago a um contador rondava cerca de 600\$000<sup>43</sup>.

O consenso anticomunista cresce, tendo com alvo principal o conflito em Espanha. Nos jornais da colónia, os articulistas chamam a atenção contra os "berros desvairados de verdadeiros possessos do espírito do Mal, dimanados da Emissora de Madrid", captados em

---

<sup>38</sup> O *Diário de Notícias* ocupa-se da matéria, de forma diária e com destaque, de 6 a 17 de Abril de 1937.

<sup>39</sup> Ver, entre outras, as convocatórias para os membros destas instituições publicadas no *Diário de Notícias*, Lisboa, 8 de Abril de 1937, p. 2.

<sup>40</sup> *Diário de Notícias*, Lisboa, 9 de Abril de 1937, p. 2.

<sup>41</sup> “Discurso Pronunciado pelo Sr. Salazar”, in: *Jornal do Brasil*, 24 de Março de 1938, p. 23.

<sup>42</sup> Relatório da Federação das Associações Portuguesas do Brasil. 1937. Arquivo da FAPB.

<sup>43</sup> Ver, entre outros, a sessão de anúncios do *Jornal do Brasil*, de 14 de Novembro de 1936, p. 40.

ondas-curtas no Rio de Janeiro, demonstrando a sua indignação frente a "uma litania de mentiras sobre a situação atual da Pátria Lusa"<sup>44</sup>. De um lado, o perigo internacional figurado na situação em Espanha e na ameaça russa, de outro, a argumentação da existência de factos concretos que representam perigo para Portugal, já que o problema fronteiriço é vital, e para a vida de Salazar, identificada pela colónia portuguesa do Brasil com a própria imagem da Pátria.

A ideia da formação de uma frente avançada na colónia da *Legião Portuguesa*, cogitada no discurso apresentado a Carmona, parece passível de ser concretizada. De retorno ao Rio de Janeiro, com base nesta proposta de militância combativa, Vitorino Moreira traz consigo as credenciais necessárias para a formalização do que seria uma espécie de cópia da instituição portuguesa. E, enquanto o *Diário Português* efetua uma larga cobertura acerca da constituição e atuação da *Legião Portuguesa*, em Portugal, a *Voz de Portugal*, num dos seus editoriais, chega mesmo a apreciar a iniciativa da criação da "sucursal" no Brasil, retirando-lhe, porém, o carácter paramilitar, impróprio ao ambiente nacionalista brasileiro<sup>45</sup>:

“A Legião dos Portugueses do Brasil tem, evidentemente, outra constituição, mas nem por isso é menos significativa. É uma delegação da de Portugal, mas com as modificações impostas pelas circunstâncias”<sup>46</sup>

A “propaganda” da Legião Portuguesa no Brasil é tentada através da exibição de um documentário sobre a instituição numa "semana" de filmes dedicada a Portugal, feita por uma empresa particular, a Portugal Filmes, em Maio de 1938. Em setembro deste ano e no mesmo registo, estreia o documentário *Embaixada dos Portugueses do Brasil*, contendo cenas filmadas em Portugal pela missão da FAPB. O seu objetivo não é só apresentar detalhes dos contactos mantidos com as autoridades portuguesas, mas sobretudo assegurar aos seus espectadores no Brasil os “progressos” realizados pelo regime em terras portuguesas, confirmando, pela imagem, as razões do apoio dado ao salazarismo e a própria

---

<sup>44</sup>"Mentir e Caluniar", coluna de Fernando de Albuquerque, datada de 5 de Maio de 1938, publicada na *Voz de Portugal*, 8 de Maio de 1938, p. 3. Notar que a censura da rádio no Brasil não impedia a captação de emissões em ondas-curtas, tal como em Portugal, sendo frequentes nesta época, com Madrid ocupada pelos republicanos, a emissão de programas antifascistas a partir daquela capital espanhola. Sobre o tema ver, entre outros, GARITAONAINDÍA, Carmelo. *La radio en España (1923-1939)*, Madrid, Universidad del País Vasco, 1988.

<sup>45</sup>Ver: *Correio Português*, 9 de Janeiro de 1938, p. 1 e 12.

<sup>46</sup>Editorial da *Voz de Portugal*, 20 de Março de 1938, p. 2.

ideia de formação de um “núcleo avançado” da Legião Portuguesa<sup>47</sup>. No entanto, a 10 de Maio de 1938, o fracasso do Golpe dos Integralistas de Plínio Salgado e a ilegalização do movimento por parte do governo de Getúlio, desencoraja a colónia a avançar com projetos desse género.

O cinema dá-nos, ainda, outra grande investida da propaganda do regime e do seu anticomunismo. O filme *A Revolução de Maio*, produzido em 1937, estreia no Rio de Janeiro em Março de 1938. O anúncio da sua exibição é apresentado como programa obrigatório para o emigrante, para a qual é “convocado” como para cumprir uma missão “patriótica”: “Portugueses! Assistir ao filme *A Revolução de Maio* é sentir-vos orgulhosos de vós mesmos!”<sup>48</sup>. Nos jornais favoráveis ao regime, a crítica especializada realçava as suas qualidades técnicas, mas, sobretudo, a importância do seu conteúdo político, em especial, devido à sua subtendida condenação do republicanismo espanhola e da ameaça da Guerra Civil:

“Narrativa de entrecho e movimentada a ação, ao contrário do que se possa julgar, reunirá as indispensáveis qualidades de espetáculo sem, porém, atraíçoar o espírito político que preside à sua realização. Focaliza a figura de um foragido que entra em Portugal obcecado pelas ideias internacionalistas e disposto a levar a cabo uma revolução que de norte a sul do País insuflará nova seiva em todas as atividades da vida nacional. Procura organizar a conspiração, mas luta com a resistência do meio que parece pouco decidido a aceitar mais aventuras. Por seu turno, uma rapariguinha, simples e inteligente, filha da dona da pensão onde o revolucionário se hospeda, a pouco e pouco, desanuvia a mente daquele fazendo-lhe ver o que de bom já existe em Portugal devido à obra grandiosa do Estado Novo”<sup>49</sup>.

Mas se, para a colónia salazarista, a Guerra Civil é vista como uma “ameaça comunista”, para os republicanos e opositores políticos da ditadura militar radicados no Brasil a imagem é completamente outra. Desde a implantação de um governo ditatorial em Portugal, através de um golpe de direita liderado por uma facção do exército, em 28 de Maio de 1926, o território brasileiro passa a acolher uma nova leva de emigrados e exilados

---

<sup>47</sup> Ver, PAULO, H. *Op. Cit.*

<sup>48</sup> *Voz de Portugal*, 6 de Março de 1938, p. 3

<sup>49</sup> “A Bem da Nação”. Foi pronunciada (a frase) ao iniciar-se a filmagem da “Revolução de Maio”. *Voz de Portugal*, Rio de Janeiro, 14 de Abril de 1936, pp. 1 e 8

políticos<sup>50</sup>. No exílio, republicanos e anarquistas, primeiramente, e, depois, socialistas e comunistas, vão usar o seu testemunho para denunciar os crimes da ditadura e do salazarismo. Para os antigos exilados na Espanha Republicana, a evocação da Guerra Civil serve como pano de fundo de uma propaganda pró-aliada a partir da aproximação do Brasil aos USA. O conflito é então encarado como um prelúdio da Segunda Guerra e da ameaça fascista na Europa e no mundo<sup>51</sup>.

### **3. O outro lado da propaganda: emigrados e exilados políticos e a visão da Guerra Civil no Brasil.**

“Foi assim, em 17 de Julho, uma tarde deslumbrante do verão da meseta, que soube do início da revolta. Que ia ser uma guerra, compreendi-o desde a primeira hora: conhecia sobejamente a Espanha para ter a certeza de que ela não se entregaria ao fascismo antes de lhe oferecer a mais implacável das resistências”<sup>52</sup>

O 28 de Maio de 1926 também é um marco de uma nova etapa na vida associativa da colónia portuguesa no Brasil. A própria notícia do golpe militar suscita de imediato a reacção dos republicanos que logo formam uma "agremiação doutrinária" contra o regime recém-instalado. As reacções imediatas ao golpe e à ditadura militar são feitas por republicanos emigrados e assinalam o início de protestos e contestações que durarão o mesmo tempo do que o governo ditatorial em Lisboa. Os Grémios Republicanos, em especial o do Rio de Janeiro e o de São Paulo, tentarão sobreviver aos percalços da legislação brasileira e ser o porta-voz do movimento oposicionista no exílio brasileiro<sup>53</sup>.

Ao eclodir da Guerra Civil esta ação oposicionista no Brasil está paralisada. Sufocados pela censura e pelas pressões da representação diplomática portuguesa, os emigrados políticos, exilados do revirvalho e emigrantes oposicionistas ao regime pouco podem fazer em prol da República Espanhola. O periódico *Portugal Republicano*, órgão

---

<sup>50</sup> Ver, entre outros, PAULO, Heloisa. “Republicanism e a Oposição Exilada. Combates e crises”, In: Estudos do Século XX. n.º10. Coimbra: Imprensa da Universidade/CEIS 20. 2010.

<sup>51</sup> Ver, entre outros, PAULO, Heloisa. “O exílio português no Brasil: Os 'Budás' e a oposição antisalazarista”, in: Portuguese Migrations in Comparison: Historical Patterns and Transnational Communities". Portuguese Studies Review. Vol. 14, No. 2. Trent University. Peterborough: Ontario, Junho de 2009

<sup>52</sup> Morais, Jaime. “Uma Data Dolorosa”, in : *Diário Carioca*, Rio de Janeiro, 23 de Julho de 1944, p. 3

<sup>53</sup> Sobre o tema ver PAULO, Heloisa. “*Aqui também é Portugal*”. *Op. Cit.*

oficial do Centro Republicano Dr. Afonso Costa, que consegue sobreviver até ao número 41, de 4 de Julho de 1936, não resiste ao cerco da legislação brasileira e não consegue ser mais o “porta-voz oposicionista”, nem mostrar aos seus leitores, a maioria emigrados e exilados políticos do regime de Lisboa, a “outra face” do discurso oficial salazarista sobre o golpe de Franco e a luta da República espanhola contra o avanço fascista<sup>54</sup>.

Malgrado a imobilização em termos da ação em território brasileiro, o contacto com os republicanos presentes no terreno de guerra em Espanha é feito de forma regular. Ainda antes da deflagração do conflito, o nome do Centro Português Dr. Afonso Costa e a sua direção consta no caderno de notas apreendido pelos agentes policiais espanhóis ao português António da Silva Oliveira, preso por ocasião da Revolta das Astúrias, em 1934<sup>55</sup>. Durante o período seguinte, sobretudo após a Retirada, o responsável pela ligação é Sarmiento Pimentel, antigo combatente das revoltas do Revirvalho e exilado no Brasil desde 1928<sup>56</sup>. Residente na cidade de São Paulo, ele está encarregado de buscar auxílios para os combatentes em Espanha que se encontram em França, procurando ficar fora do alcance dos ditadores ibéricos. Na correspondência trocada entre Sarmiento Pimentel e o ex-Ministro da Justiça, Alberto Moura Pinto, são diversos os pedidos de ajuda em dinheiro, alguns deles atendidos pessoalmente por Ricardo Severo, Presidente do Centro Republicano Português de São Paulo. No entanto, após o final da Guerra Civil e um breve exílio em França, Moura Pinto desloca-se para o Brasil e assume a tarefa de Sarmiento Pimentel, procurando ajudas para os seus companheiros exilados em França<sup>57</sup>.

Com a invasão alemã, um grupo de exilados atravessa a fronteira em direção à Portugal. Presos, dois deles seguiram exilados para o território brasileiro, Jaime de Morais

---

<sup>54</sup> Ver, entre outros, PAULO, H. “Imagens da Liberdade: os exilados portugueses e a luta pela liberdade na Península Ibérica”, in : Estudos do Século XX. n.º8. Coimbra: Imprensa da Universidade/CEIS 20. 2008.

<sup>55</sup> Os exilados portugueses participam da Revolta das Astúrias cedendo armas aos socialistas para a deposição do governo de direita de Lerroux. O documento citado é parte do processo das Astúrias, Archivo General de la Administracion. Alcalá de Henares, Espanha.

<sup>56</sup> Foram chamadas “revoltas do Revirvalho” as primeiras tentativas de depor a ditadura militar instaurada no dia 28 de Maio de 1926. O termo é usado de forma pejorativa pelos órgãos oficiais, apregoando que os revoltosos desejavam uma volta ao clima de instabilidade dos últimos anos da República. A mais célebre, da qual participa João Sarmiento Pimentel, ocorreu no Porto e Lisboa entre 3 e 7 de Fevereiro de 1927. Sobre o tema, ver, entre outros, FARINHA, Luis. *O Revirvalho. Revoltas Republicanas contra a Ditadura e o Estado Novo. 1926-1940*. Lisboa, Ed. Estampa, 1998.

<sup>57</sup> Ver correspondência entre Moura Pinto e Sarmiento Pimentel, datada entre 1939-1940, Arquivo Sarmiento Pimentel, Biblioteca Municipal Sarmiento Pimentel, Mirandela.



e Jaime Cortesão, escritor e historiador, que, juntamente com Morais e Moura Pinto, formam um grupo de opositores conhecido por “Budás”. No Rio de Janeiro, refazem com Moura Pinto o trio oposicionista que liderava parte da oposição na República Espanhola. E nesta retomada do combate contra o salazarismo, a Guerra Civil de Espanha ganha um lugar de destaque na argumentação dos exilados. As denúncias a respeito das atrocidades cometidas por Franco com a colaboração direta de nazistas e fascistas chamam a atenção para o conflito espanhol como uma luta entre a democracia e os governos ditatoriais então envolvidos na Segunda Guerra. Alguns exilados aproveitam o facto de terem de trabalhar em jornais para “ganhar a vida” e transformam a “tragédia espanhola” em pano de fundo para as suas crónicas. Jaime de Morais, que trabalhara com o Estado-maior da República<sup>58</sup>, recorda o eclodir da guerra civil de Espanha e a posição de inércia dos países democratas europeus frente aos crimes cometidos pelos rebeldes. Numa evocação do início da rebelião contra a República espanhola, o antigo líder reviralista acusa aqueles que negaram ajuda a um governo legítimo e cobra dos Aliados uma postura contra o regime de Franco:

“Foi na data de hoje, já lá vão sete anos, que a quase totalidade dos democratas de todo o mundo cruzaram os braços, permitindo que Espanha, tão credora do respeito unânime de toda a humanidade, tombasse esgotada, desfeita, no meio de ruínas. Muito sei-o bem, estremecerão hoje de cólera surda contra eles próprios, ao lerem telegramas das agências que repetidas vezes anunciam que mais um

---

<sup>58</sup> Jaime de Morais foi médico e oficial da Marinha. Em 1910, participa do movimento de 5 de Outubro, que instaura a República. Em 1919, é nomeado Governador-geral da Índia, de onde regressa em 1925. Após o 28 de Maio, é uma das principais figuras do movimento revolucionário de 3 de Fevereiro de 1927, a primeira grande revolta contra a ditadura militar. Preso em 1928 em São Tomé, consegue escapar e seguir para a França. Em 1931, vai para a Espanha, onde está quando tem início a Guerra Civil. É o autor do "Plano Lusitânia": uma invasão de Portugal capitaneada pelos republicanos e com tropa portuguesa com a ajuda do governo espanhol. Em 1939, ele e o companheiro Jaime Cortesão atravessam a fronteira, indo ao encontro de Moura Pinto, já instalado em Marselha. Em 1940, após apresentação ao governo de Salazar do manifesto de cessação das atividades da oposição durante o conflito mundial, retorna ao território português, sendo preso, e deportado para o Brasil, chegando a 13 de Outubro de 1940 ao Rio de Janeiro. Ali, retoma a sua atuação oposicionista, juntamente com Moura Pinto e Cortesão. Escreve em jornais locais, como o *Correio da Manhã* e *Diário Carioca*, e, depois, a partir de 1944, passa a trabalhar como administrador numa fábrica de vidros, a Companhia de Vidros do Brasil. Participa de Manifestos, Abaixo Assinados e Manifestações contrárias ao regime durante os anos seguintes. Amnistiado, ele regressa a Portugal em 1952, com um passaporte válido somente para um mês. Ao contrário de Cortesão e Moura Pinto, não lhe será permitido o retorno definitivo. Jaime de Morais falece em 20 de Dezembro de 1973.

general italiano foi feito prisioneiro, recordando-nos, por ironia, que “tinha servido em Espanha durante a Guerra Civil”<sup>59</sup>

Novais Teixeira, antigo Chefe do Serviço de Informação da Subsecretaria de Propaganda, até Julho de 1938<sup>60</sup>, então também exilado no Brasil, denuncia a aliança com os países do Eixo na luta contra a República e a continuidade de um regime fascista em Espanha:

“Hitler e Mussolini ao serviço da ‘grande causa’ eram para os rebeldes elementos muito mais nacionais que o Sr. Azaña ou o Dr. Negrín. [...]

A Falange Espanhola não é somente um grupo de pistoleiros profissionais, de assassinos diletantes, de arte puristas da pistola [...] como o nazismo e o fascismo propõe-se ter um carácter social que uma retórica e uma demagogia das mais desenfreadas e perturbadoras atingem perfeitamente.”<sup>61</sup>

A vitória dos aliados não garante o apoio desejado contra as ditaduras ibéricas, mas o simbolismo da Guerra Civil não é esquecido pelos emigrados e exilados políticos. Em 1947, um periódico reúne portugueses e espanhóis no exílio brasileiro. O *Libertação* é editado no Rio de Janeiro e conta com o apoio de brasileiros democratas congregados em duas associações: a ABAPE, Associação Brasileira de Amigos do Povo Espanhol, e a SADP, Sociedade dos Amigos da Democracia Portuguesa. Mais uma vez, este jornal não consegue sobreviver às mudanças políticas internas no Brasil, não ultrapassando o ano da sua fundação. Nos seus seis números, a imagem dos heróis de Espanha são uma constante, quer através de personagens como Dolores Ibarruri ou Largo Caballero, ou ainda na mística evocação dos guerrilheiros, herdeiros diretos do conflito<sup>62</sup>.

---

<sup>59</sup> MORAIS, J. “18 de Julho. Uma data dolorosa”, in: *Diário Carioca*, 18 de Julho de 1943, Suplemento, p. 3.

<sup>60</sup> *La Vanguardia*, 16 de Julio de 1938, p. 4

<sup>61</sup> TEIXEIRA, Novais. “A Falange Espanhola e suas Milícias”, in : *Diário Carioca*, 25 de Dezembro de 1943. O artigo aborda a junção da Falange Espanhola com outras instituições tuteladas pelos rebeldes franquistas em Abril de 1937. Também menciona dois grandes nomes do republicanismo espanhol, Manuel Azaña e Juan Negrín.

<sup>62</sup> Ver, por exemplo, Hermann, Alan (Allan, Ted). « Luta heroica dos guerrilheiros espanhóis”, in: in : *Libertação*, Rio de Janeiro, 14 de Abril de 1947, ano 1, p. 8.

O significado da Guerra Civil como uma guerra de ideais, como um combate entre democratas e fascistas, está presente na evocação de Jaime Cortesão, ele próprio uma testemunha do conflito:

“Todas as Nações livres devem aos povos ibéricos, por fraternidade humana e defesa da liberdade, apoio ao combate que estão travando contra a tirania que as oprime. Mas ao povo espanhol, em particular, todos devemos os maiores esforços para ajudá-lo nessa luta”<sup>63</sup>.

---

<sup>63</sup> CORTESÃO, J. “Saudação ao Povo Espanhol”, in: *Libertação*. Ano I.n.º1, Rio de Janeiro, 14 de Abril de 1947, p. 1.